



INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS MACEIÓ
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA DE ALAGOAS

HELLEN CHRISTINA DA SILVA ARAÚJO

SEM NOME E SEM SOBRENOME:
UM ESTUDO DE CASO DO INSTAGRAM ARQUIVO DIGITAL DE VIÇOSA
(AL)

MACEIÓ-AL
2022

HELLEN CHRISTINA DA SILVA ARAÚJO

SEM NOME E SEM SOBRENOME:
UM ESTUDO DE CASO DO INSTAGRAM ARQUIVO DIGITAL DE VIÇOSA (AL)

Artigo científico apresentado ao Curso de Especialização em História de Alagoas do Instituto Federal de Alagoas, campus Maceió, como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em História de Alagoas.

Orientadora: Prof.^a Ábia Marpin

MACEIÓ- AL
2022



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Instituto Federal de Alagoas
Campus Maceió
Biblioteca Benevides Monte

-
- A663s Araújo, Hellen Christina da Silva.
Sem nome e sem sobrenome: um estudo de caso do Instagram arquivo digital de Viçosa (AL) / Hellen Christina da Silva Araújo. - 2022.
20 f.: il.
- Orientação: Prof.^a Ábia Marpin.
(Artigo) (Especialização em História de Alagoas) - Instituto Federal de Alagoas, Campus Maceió, Maceió, 2022.
- Arquivo no formato digital em PDF do trabalho acadêmico.
1. Viçosa – Arquivo digital. 2. Escrita Estamental. I. Título.
- CDD: 981.35*
-

Nalva Maria Amaral
Bibliotecária – CRB-4/989

HELLEN CHRISTINA DA SILVA ARAÚJO

SEM NOME E SEM SOBRENOME:
UM ESTUDO DE CASO DO INSTAGRAM ARQUIVO DIGITAL DE VIÇOSA (AL)

Artigo científico apresentado ao Curso de Especialização em História de Alagoas do Instituto Federal de Alagoas, campus Maceió, como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em História de Alagoas.

Aprovado(a) em: 29/06/2022.

AVALIADORA

Ábia Marpin (Orientadora)
Instituto Federal de Alagoas

AVALIADORA

Prof. Geice Queila de Lima Silva (Membro interno)
Instituto Federal de Alagoas

AVALIADORA

Prof. Mônica Carvalho (Membro interno)
Instituto Federal de Alagoas

Documento assinado digitalmente

gov.br

GEICE QUEILA DE LIMA SILVA

Data: 04/08/2022 15:31:49-0300

Verifique em <https://verificador.itl.br>

**SEM NOME E SEM SOBRENOME:
UM ESTUDO DE CASO DO INSTAGRAM ARQUIVO DIGITAL DE VIÇOSA (AL)**

Hellen Christina da Silva Araújo¹

RESUMO

Este artigo é um estudo de caso da conta vinculada a rede social *Instagram*, nomeada Arquivo digital de Viçosa. Busquei através das imagens postadas, analisar e compreender dinâmicas de perpetuação de uma escrita estamental, no contexto contemporâneo.

Palavras-chaves: Viçosa. Arquivo digital. Escrita Estamental.

ABSTRACT

This article is a case study of the account linked to the social network Instagram, named digital file de Viçosa. Through the posted images, I sought to analyze and understand dynamics of perpetuation of a status writing, in the contemporary context.

Keywords: Viçosa. digital file. Status Writing.

Data da submissão: 10/06/ 2022.

Data da aprovação 29 /06/2022

Introdução

Nas minhas reflexões iniciais, ruminava maneiras de situar o leitor sobre a cidade de Viçosa (AL)², destacando uma de suas histórias mais “famosas”. Foi nessas terras que Zumbi dos Palmares, símbolo de resistência negra, morreu esquartejado nas proximidades do Quilombo do Gurgumba (BRANDÃO, 2005). Era a morte do meu ancestral que buscava exaltar. Neste sentido, não posso negar o fato de que foi nessas terras que o líder quilombola realizou seus últimos suspiros (ARAÚJO, 2021; BRANDÃO, 2005), mas recordar o óbito como um aspecto de orgulho, seria corroborar a ótica e os relatos predominantes construídos sobre essa cidade.

¹ Graduada em Ciências Sociais, Mestra em Antropologia Social e Coordenadora Pedagógica (SEDUC).

² A cidade de Viçosa está localizada no Vale do Paraíba, a 86 km da capital alagoana, Maceió. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) sua população está estimada em 25.655 habitantes.

Reproduzir a frase “terra onde Zumbi dos Palmares morreu”, estaria evocando tais palavras para caracterizar, sem questionar outras possibilidades de se destacar a presença negra nessa região. Começaria escrevendo sobre a ótica dos vencedores, ou melhor, daria continuidade a uma reprodução automática dos relatos hegemônicos desta localidade. Nesse sentido, estaria atuando para reforçar o que busco analisar criticamente nas linhas que seguem, sendo questionamentos sobre a manutenção do silenciamento da existência negra no município, no contexto contemporâneo, por meio de imagens divulgadas em uma rede social.

Portanto, é importante não perder de vista meus objetivos neste trabalho, ou seja, complexificar as narrativas predominantes sobre Viçosa (AL). No dicionário a palavra narrativa significa: ação, efeito ou processo de narrar, de relatar, de expor um fato, um acontecimento, uma situação (real ou imaginária), por meio de palavras; narração³. Sendo assim, quais foram os relatos que simbolizam o município de Viçosa?

Cresci ouvindo que vivia na cidade “*Princesa das Matas*”, porém, dos dizeres populares sobre Viçosa, os que mais causavam inquietações era ser “berço da cultura alagoana”, fazendo referências às manifestações de cultura popular, e “Atenas Alagoana”, “devido à enorme quantidade de intelectuais, folcloristas e artistas populares que a cidade possuía, sendo uma referência para o Estado” (ROSENDO, 2014, p. 19).

A geração das “Atenas das Alagoas” era um grupo de pensadores locais composto por descendentes dos colonizadores. Construindo a Escola de Viçosa. Onde os filhos dos senhores de engenhos cresceram ao som dos batuques e das cantorias, alguns tiveram destaque no estado em sua carreira de escritor, como exemplo: Octávio Brandão, Théo Brandão, José Aloísio Vilela, José Pimentel Amorim, José Maria de Melo, entre outros que produziram importantes obras literárias, tendo as manifestações populares de Viçosa como destaque.

Alguns ficaram conhecidos como folcloristas, compreendendo o folclore como um “conjunto de práticas e manifestações populares assim denominadas por um amplo grupo de estudiosos. Que pretenderam fazer do mesmo, objetivo de área específica do conhecimento acadêmico.” (SANTOS, 2014, p. 45), e possuía como principais interlocutores a população negra. Entretanto, uma das problemáticas do grupo, apesar das contribuições, foi o aprisionamento dessa significativa parcela da população na condição de objeto (SANTOS, 2014), sem desenvolver um debate sobre sua cultura e contribuições na formação da sociedade brasileira.

³ Disponível em: < <https://www.dicio.com.br/narrativa/> >. Acesso em: 11 de jun. de 2022.

O pesquisador Jeferson Santos (2014) acrescenta, que não ocorreu uma preocupação em refletir a situação socioeconômica no pós-abolição, ou seja, as investigações sobre o folclore se desenvolvem num contexto de analisar a população negra, a partir de uma inferioridade biológica, influenciados pelos estudos de Nina Rodrigues, não avançando no conhecimento acadêmico, indo em sentido oposto ao do contexto nacional. Sendo assim, ocorreu também um silenciamento de narrativas do protagonismo negro na historiografia local.

Entretanto, na escola os professores estimulavam-nos a termos orgulho de ser viçosense, terra fértil para a plantação de “intelectuais”, mas eu não sentia esse pertencimento. Porque não ocorria uma identificação com essa representação. Sendo mulher afroindígena e periférica, meu corpo situa-se nesse imaginário social como objeto de pesquisa na condição de submissa e servil, ou seja, aprisionada no tempo pelos intelectuais viçosenses.

Foi na universidade que aprendi sobre outras perspectivas da minha “terrinha”, mas especificamente no final da minha graduação em Ciências Sociais (2017) quando resolvi analisar a trajetória do senhor João do quebra-queixo. Percebi que deveria ter orgulho de ser viçosense, porque foi palco de resistência negra e território de luta cabana (LINDOSO, 2015). Entretanto, os elogios sobre minha origem seguiam com cobrança: “Você é nova geração das *Atenas das Alagoas*”. Eu estaria dando continuidade à tradição de intelectuais que produziram conhecimento sobre a cultura popular alagoana?

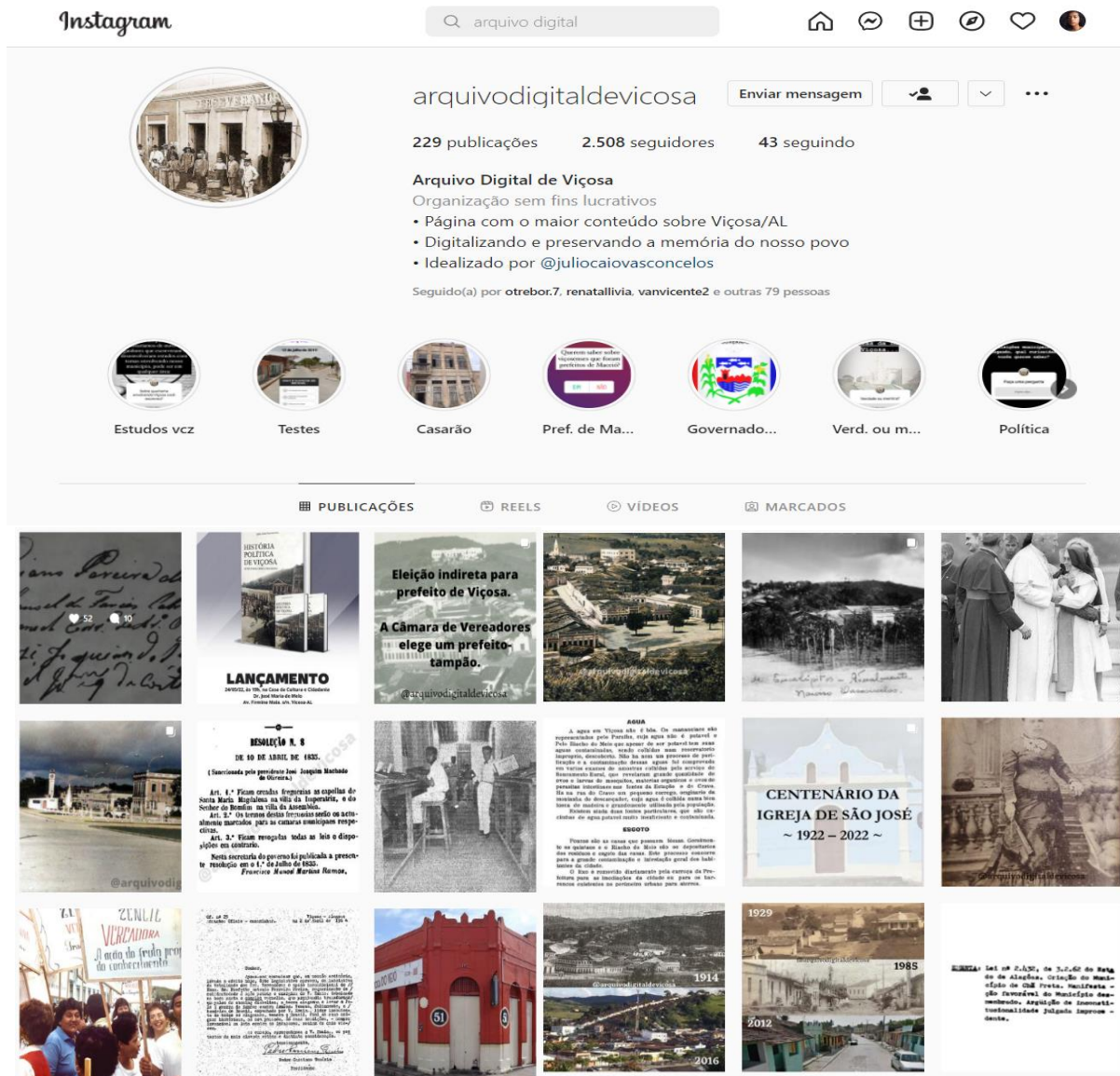
Compreendo minha produção de conhecimento como ruptura dessa tradição colonial de intelectuais viçosenses. É importante destacar meu “lugar de fala” (RIBEIRO, 2019), enquanto mulher, professora da educação básica e descendente de seres humanos que foram escravizados nesse território, ou seja, não descendo de uma elite econômica local. Apesar disso, percebo que realizo uma produção intelectual comprometida com os meus ancestrais viçosenses afroindígena. No entanto, porque as narrativas múltiplas sobre Viçosa são silenciadas e reduzidas exclusivamente pela ótica do colonizador?

Para o historiador maragogiense Dirceu Lindoso (2015), esse movimento intelectual dos sucessores dos senhores de engenho é descrito conceitualmente como “escrita estamental”. Para o autor, ocorreu uma estratégia orquestrada para reproduzir hegemonicamente a história dos colonizadores, a partir de uma concepção positiva e vencedora. Nessa perspectiva, as linhas que seguem, é uma análise da conta vinculada a rede social *Instagram* intitulado Arquivo digital de Viçosa, que possui como propósito, “digitalizar e preservar a memória do povo Viçosense”, decorrente de fotografias realizadas pelos moradores locais ao longo da história.

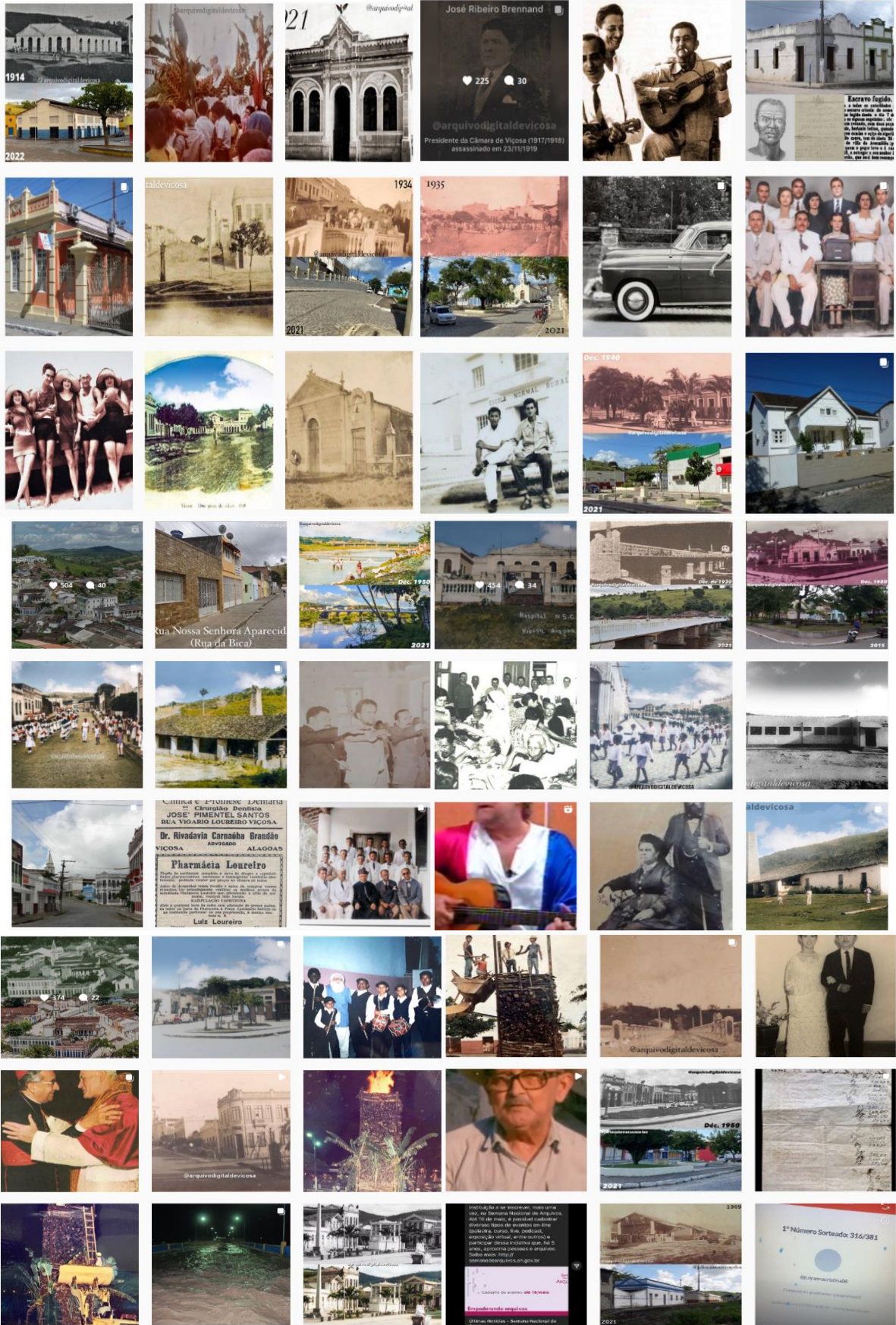
Arquivo digital de Viçosa: uma escrita estamental ⁴

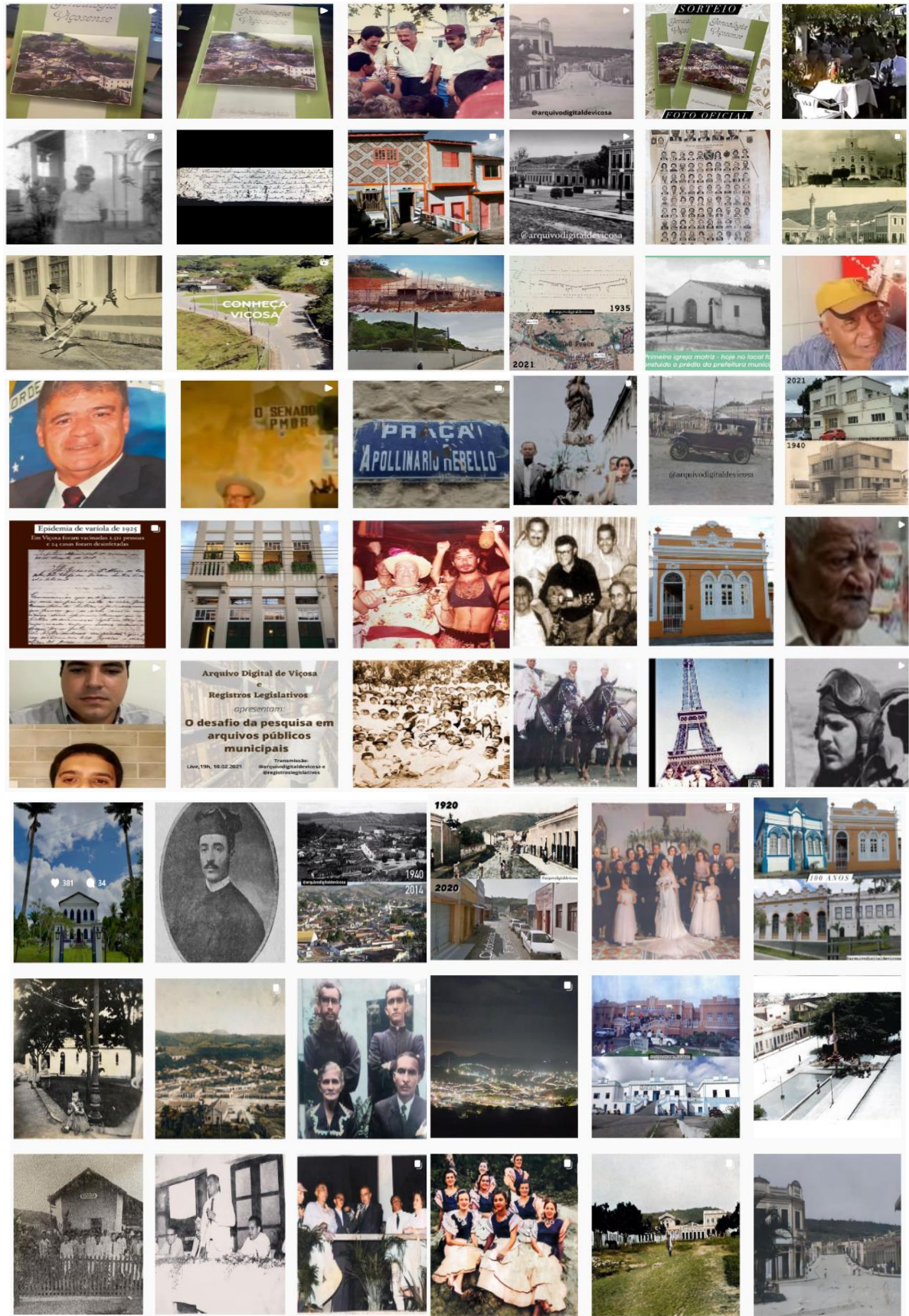
Como podemos observar, realizei um levantamento das publicações que resultam numa imagem em mosaico, que informa recortes definidos pela posição social e política do sujeito que produz escolhas. Conseqüentemente, as fotografias foram selecionadas seguindo sua ordem de publicação sem nenhuma modificação, ou seja, da última postagem no dia 19 de maio de 2022, seguindo para sua primeira no dia 03 de maio de 2019. Efetuei captura de tela com o Notebook Samsung Galaxy Book 13.3, no dia 23 de maio de 2022. Até o momento da construção desse texto, foram realizadas 229 postagens.

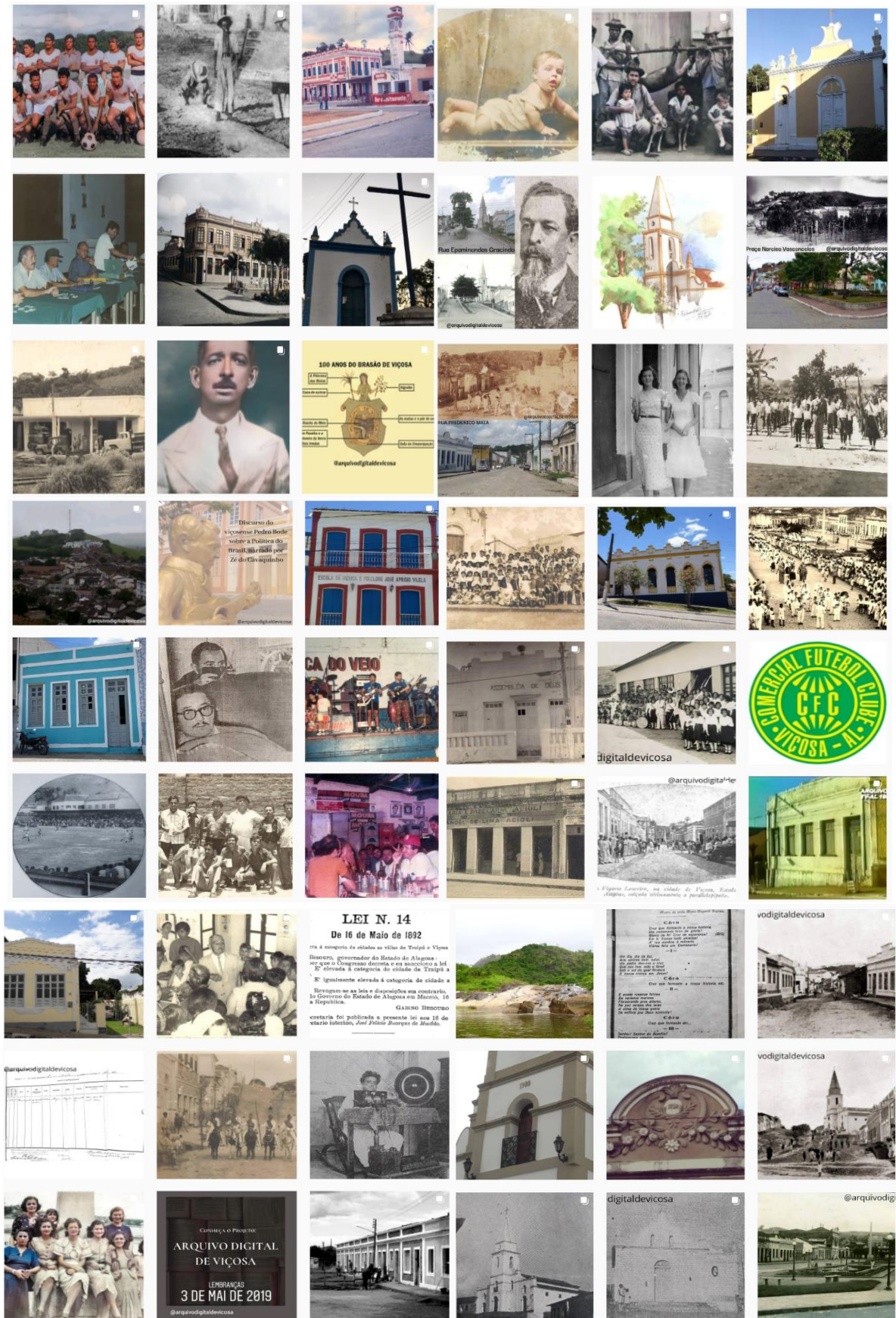
Figura 01- Arquivo digital de Viçosa

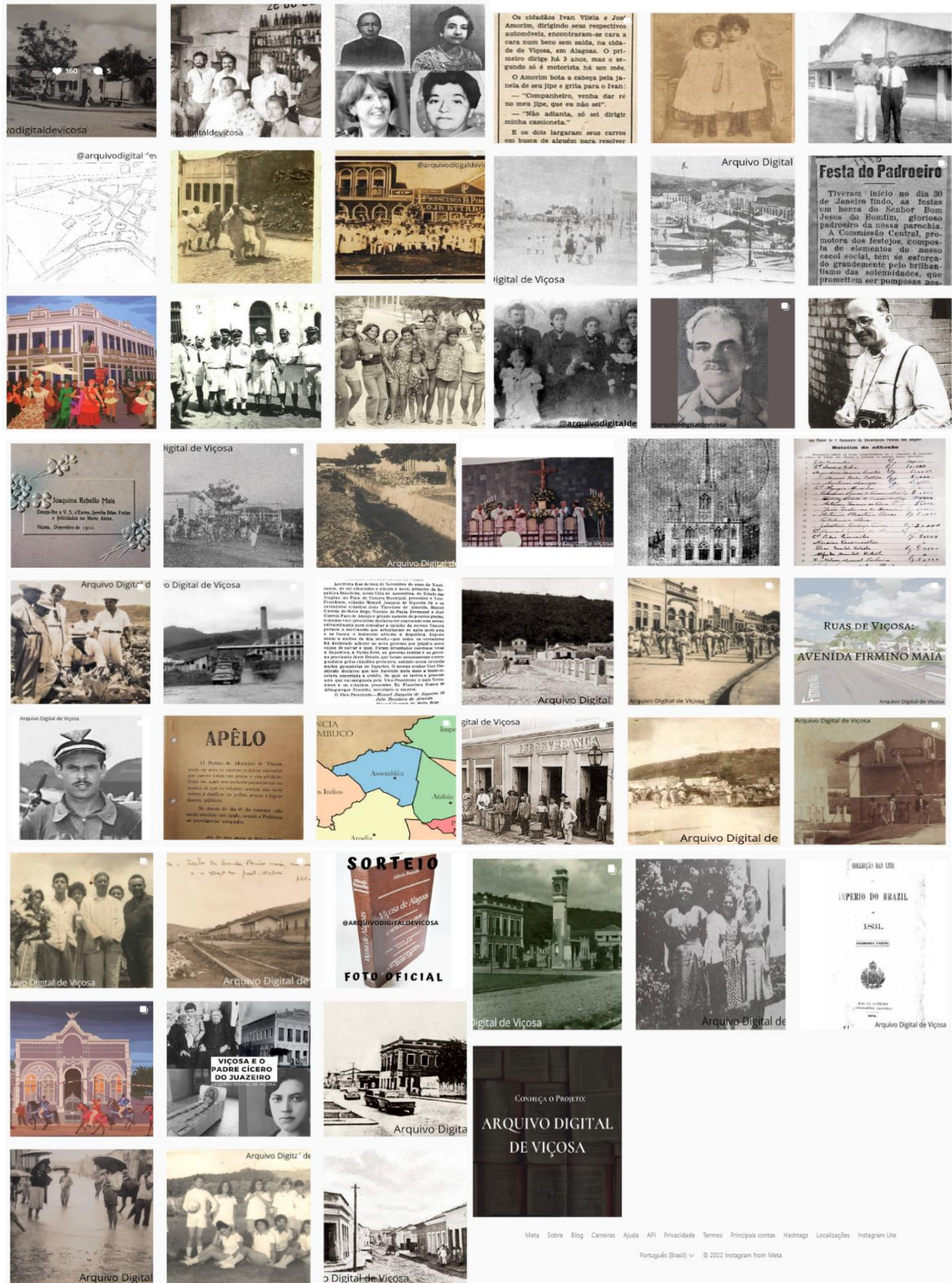


⁴ Disponível em<: <https://www.instagram.com/arquivodigitaldevicosa/> > Acesso em: 23 maio. 2022









Fonte - Arquivo digital de Viçosa

Majoritariamente, as publicações⁵ são constituídas para expor a arquitetura antiga da cidade, além de realizar algumas comparações de suas mudanças ao longo dos anos, com legendas que demonstram descontentamento com as reformas que foram destruindo sua forma original. Mais um componente de destaque, são sujeitos brancos em fotografias individuais e grupos pequenos. Outros elementos de relevância são a religião católica, livros e documentos, entretanto, sem perder de vista a temática Viçosa.

O Arquivo digital é administrado pelo advogado viçosense Júlio Caio César Rodrigues Vasconcelos Sobrinho, sendo descendente da elite econômica e intelectual local. Para compor sua curadoria, realiza pesquisas e seleciona os registros cedidos e conservados por algumas famílias ao longo do tempo, disponibilizando gratuitamente online. Na descrição do perfil, relata ser o “guardião da História do Município”, além de digitalizar e preservar “a memória do nosso povo”. Entretanto, sendo bem objetiva, de qual “povo” estamos falando? Quem possuía câmeras fotográficas antigamente? Qual a cor da pele que sobressai no aglomerado de retrato exibido?

Continuando com meus questionamentos, quando Vasconcelos Sobrinho realiza uma seleção de registros, exibindo indivíduos majoritariamente de pele branca e seu patrimônio arquitetônico, de qual povo está falando? É a população viçosense sendo representada? A palavra povo, em grosso modo significa conjunto de pessoas, e levando em consideração que a população brasileira é predominantemente afroindígena⁶, e Viçosa foi território historicamente quilombola e indígena, estamos diante de uma contradição de representação visual sobre o “povo viçosense”. Diante dessas interrogações, percebo que existe implicitamente uma intencionalidade, neste caso, em preservar uma memória seletiva sobre a cidade através de imagens históricas dos descendentes dos senhores de engenho, onde considero uma tentativa de manutenção de uma “escrita estamental”.

No livro *A utopia armada*, o autor Dirceu Lindoso (2005) analisa livros, músicas, dissertações de mestrados e teses de doutorados produzidas no contexto alagoano, dando destaque ao conceito de “escrita estamental”. Para o pesquisador, estabeleceu em Alagoas narrativas históricas e jornalísticas que mascararam o processo de escravidão, através de uma

5

⁶ Quero destacar o debate levantado pelos indígenas brasileiros, que compreende como um etnocídio considerar todos os autodeclarados pardos, necessariamente negros. Sendo assim, apesar das fontes de pesquisa destacarem 54% da população desse país negra, considero como relevante seguir considerando o debate que questiona esses dados.

ótica pacificadora e de silenciamento das revoltas, sendo tratados pela escrita senhorial enquanto submissos.

Essas narrativas decorrentes de uma “escrita estamental” narrada pelos descendentes dos senhores de engenho, descreveu seus familiares como homens bondosos, que viviam pacificamente com a população negra, que por sua vez, aceitou a condição de escravizada. Apagando na história as revoltas da população negra, a descrevendo com características deploráveis.

Lindoso, compreendeu que a consolidação dessas narrativas no cotidiano foi proporcionada, através do “Folclore de branco”. Que consistia na criação ideológica que fomentavam alguns folguedos populares, que correspondia a uma “desenvolvida pedagogia de dominação, com fins intencionais bem nítidos (LINDOSO, 2005, p.291), neste caso, em fundamentar ludicamente “a história do colono branco rico, detentor das grandes propriedades de terra e do poder senhorial sobre negros cativos, mulatos e brancos pobres (LINDOSO, 2005, p.291).

Isso não significa que não houberam manifestações populares genuinamente negras, mas com o processo de urbanização das cidades, ocorreu uma preocupação desses intelectuais em reviver folguedos que entravam em decadência, propiciando sua sobrevivência. Alguns desses folguedos, segundo o autor, deixaram de ser influenciados pela ideologia da burguesia urbana, “resultando em profundas manipulações ideológicas desses brinquedos e divertimentos populares” (LINDOSO, 2005, p. 297), muitas vezes invertendo a realidade social, através do discurso, introjetando em letras musicais que depreciavam a população negra e afirmava o protagonismo do homem branco alagoano.

Outro elemento de consolidação foram os textos jornalísticos, que reafirmaram um discurso em favor dos colonizadores, sendo a construção histórica em Alagoas dominada pela escrita da elite. A escrita consolidou no estado a lógica do colonizador, silenciando as contribuições históricas dos afro-alagoanos e indígenas.

Para Dirceu Lindoso, a “história escrita passou a ser a história de dominação, e seus heróis os senhores de terra e de escravos” (LINDOSO, 2005, p.370) e a história oral, também seguiu essa lógica de dominação. O autor considera narrativas falaciosas que foram sendo construídas sobre o ser negro alagoano, enquanto passivo e propenso a vadiagem, bêbado, sujo, entre outros. A “escrita estamental” fomenta descrições através de termos como depreciativos que degeneram a dignidade humana da população negra. Constituindo uma historiografia

tradicional, a serviço da manutenção de um discurso que perpetua a narrativa hegemônica do senhor de engenho enquanto “bonzinho”.

Sendo assim, compreendo como sendo uma nova reconfiguração de um fato social, descrito pelo historiador Dirceu Lindoso, dando seguimento à dinâmica onde os descendentes dos senhores de engenho construíram uma escrita orquestrada, que apagava, silenciava as revoltas e as inúmeras contribuições dos indígenas, brancos pobres e negro (LINDOSO, 2005).

Concebendo a fotografia como uma possibilidade de interpretação textual, buscando romper as “limitações nas quais se deixa com frequência aprisionar pela redução da imagem apenas a documentação visual” (MENESES, 2012, p. 223). Considerando que a história sobre Viçosa foi contada pela ótica branca, uma das funcionalidades desta página fotográfica é reafirmar essa história senhorial, no contexto contemporâneo, perpetuando uma manutenção dessa narrativa escravocrata sobre a cidade. Como demonstrar o exemplo a seguir:

Figura 02 - O conhecido Beregedé



Fonte: arquivo digital de Viçosa

Dia da Consciência Negra

O conhecido Beregedé, negro de origem humilde que era uma figura folclórica da nossa Viçosa.

Como tantos negros, entrou para a história com seu apelido, sendo desconhecido seu nome de batismo.

Homem simples, cativou a amizade de muitos latifundiários de Viçosa, dentre eles o velho Senador Teotônio Vilela.

Foto 1: década de 1930, Beregedé na Avenida Firmino Maia;

Foto 2: Beregedé e o Senador Teotônio Vilela, década de 1970 (foto colorida pelo [@arquivodigitaldevicosa](#));

Foto 3: O já idoso Beregedé em 1981.

Acervo: [@gordivaldo](#), Elias Vilela e José Celso. (ARQUIVO DIGITAL, 2020)

A publicação no dia 20 de novembro de 2020, seria uma maneira de homenagear a data comemorativa da Consciência Negra. Essa é uma das poucas postagens direcionada para

existência de um sujeito negro como elemento central, entretanto, Beregedé é realmente o componente de destaque na sequência fotográfica? A sucessão representa uma configuração da imponência do homem branco com botas de couro, vestido de branco, com um relógio de pulso e um cigarro na boca. Beregedé está vestido de roupas simples, chinelo nos pés e chapéu, nitidamente um trabalhador. Podemos refletir como a personificação nacional do patriarcado, descrita por Lília Schwarcs (2019) como a figura do “pai”, com as características de gentileza e autoritarismo, que possui como a função proteger a propriedade privada como o símbolo para toda organização social (SCHWARCS, 2019).

Ao refletirmos no contexto local o enaltecimento das elites a essas “estruturas de mando” (SCHWARCS, 2019) personificado no homem branco rico, considero que as fotografias evidenciam uma escrita estamental, que negligencia uma visão múltipla sobre a existência dos sujeitos em Alagoas. Quando o administrador da página realizou uma sequência de imagens, inserindo um proprietário rural, seguindo da legenda; “Homem simples, cativou a amizade de muitos latifundiários de Viçosa, dentre eles o velho Senador Teotônio Vilela”. Ficamos diante da representação da força e influência de um senhor da terra, sobre Beregedé e sua “servidão” como uma figura folclórica.

Realizando uma interpretação imagética, sigo com o seguinte questionamento, qual o lugar do negro na sociedade Viçosense? Na construção de uma história refletida nessa conta do *Instagram*, podemos descrever a submissão do trabalhador para o homem branco. Nas palavras de Beatriz do Nascimento (2021) ao considerar o cenário nacional, salienta que: “o negro atual, não participou da formação social do Brasil só com seu trabalho, com seu sofrimento, ele participou também da mesa, da cama, do pensamento e das lutas políticas do colonizador e de seus descendentes” (NASCIMENTO, 2021, p.49). Sendo assim, porque essa insistência no aprisionamento das imagens nessa perspectiva de servidão?

Dirceu Lindoso aponta um caminho interessante para o questionamento do parágrafo anterior, ao analisar o contexto da escrita do pesquisador viçosense Alfredo Brandão, salientou que sua tese possui argumentos utópicos, principalmente em vincular a “bondade” do senhor de escravo no estado. Consequentemente, estamos diante de uma manutenção dessa utopia no contexto atual, disseminando uma estratégia contemporânea de uma escrita estamental, ou seja, o negro viçosense não participou apenas com seu trabalho para os latifundiários, onde estamos diante de um “senhor bonzinho”. Podemos identificar que não existe um tecimento do contexto social da exploração da sua força de trabalho. Beregedé, é digno de ser lembrado, mas adentra na prisão da memória escravocrata da servidão.

Arquivo digital de Viçosa: fotografia e silenciamento

Figura 3 - Sem nome e sem sobrenome



Fonte: Arquivo digital

Quanto patrimônio perdemos ao longo do tempo?
 A histórica Praça Apolinário Rebelo na década de 1940 com seus chalés em estilo franco-suíço, sobrados, coreto, obelisco...
 Era o apogeu de Viçosa!
 Dessa foto só restaram o sobrado de João Pedro Jatobá e o obelisco.
 O coreto que hoje existe na praça foi construído em 2013, sendo totalmente diferente do que aparece na imagem, elevado em 1931.
[#preservarépreciso](#) [#patrimônioarquitetônico](#)
 Foto do acervo de [@manoeldospassosvilela](#), texto do [@arquivodigitaldevicosa](#).
 (ARQUIVO DIGITAL, 2021)

Como foi explorado no tópico anterior, podemos constatar que as fotografias exibidas possuem como destaque o aprisionamento do negro em funções sociais nitidamente demarcadas na servidão no contexto da cidade de Viçosa. As imagens contribuem para a manutenção de uma ideologia dominante, que perpetua a personificação do homem negro na condição de submisso e sem desenvolvimento intelectual.

A servidão é a característica central das descrições imagéticas que compõe a galeria de imagens, onde servir representa a suposta definição do ser negro no estado. A servidão não é apresentada apenas como serviços braçais, outro elemento é o aprisionamento do sujeito servil na música. Nesse sentido, não é descrito como sua criatividade e inventividade artística, mas a música para “ninar” a casa grande, ou seja, para entreter as noites nas fazendas. Para uma preservação dessa narrativa ficcional sobre os afrodescentes, a escrita estamental fornece o mecanismo potente de conservação.

Outro elemento de relevância observado, foram as postagens que descrevem os indivíduos negros através de seus apelidos, ou seja, não possui nome e sobrenome, em alguns

casos, não são mencionados nas descrições das legendas. Entretanto, não significa que não exista negro nas imagens de maneira plural.

O Arquivo Digital de Viçosa publica várias fotografias do espaço urbano, nesses registros podemos perceber a existência de pessoas negras em diversos contextos, como na escola, caminhando pela cidade, trabalhando e etc. Temos o exemplo acima, sendo uma menina sentada na Praça Apolinário Rebelo. Um elemento de saltar meus olhos foi a descrição da legenda⁷. Como podemos perceber, não era a jovem, mas a arquitetura colonial da Praça do Cinema⁸ que estava em destaque. Não existe nenhuma menção sobre ela, absolutamente nada. O que ocorre, é uma lamentação da mudança do “patrimônio arquitetônico com estilo franco-suíço”, que ao longo dos anos foram sendo destruídos e reconstruídos com uma nova arquitetura.

Na pesquisa *O processo fotográfico excludente do negro em Alagoas: composição de uma ideologia sem preto (1890-1920)*, Rogério Alexandre (2018) buscou compreender a construção social da imagem do negro, destacando que a memória foi banida de circulação através da imagem no estado de Alagoas, porque a elite dominante continuava a fomentar um sistema de “desenvolvimento” onde o negro, mesmo depois da sua ‘libertação’ é retratado como subalterno e condicionado aos limites da sobrevivência. Seria uma imagem que não condizia com a ideia de uma sociedade “moderna”, “emancipada” em busca de uma identidade homogênea e complacente, adequada aos paradigmas burgueses. (SILVA, 2018, p.38).

Para Rogério Alexandre da Silva, “a fotografia é uma imagem técnica que traduz implicitamente uma mensagem para quem a vê. De maneira que cada imagem tem sua função dentro da sociedade.” (SILVA, 2018, p. 20) Neste sentido, qual o significado implícito desta postagem? Percebo como uma tentativa de construir uma memória da cidade sem pessoas negras, vivenciando sua existência de maneira plural e diversa.

Considerações finais

O Arquivo público Digital de Viçosa através de fotografia, estabelece o que a escritora nigeriana Chimamanda Adichie (2019) descreveu como o “perigo de uma histórica única”, sendo construções de estereótipos sobre um determinado grupo, através de noções hegemônicas

⁷ Fotografia postada no dia 17 de junho de 2021

⁸ Praça Apolinário Rebelo é o nome oficial, porém é conhecida popularmente como Praça do Cinema.

impossibilitando termos uma visão ampla sobre fatos e acontecimentos sociais e históricos (ADICHIE, 2019).

Neste sentido, compreendo, que as publicações do Arquivo digital de Viçosa, perpétua e mantém uma “história única” sobre a cidade de Viçosa. Considerando ser ainda mais perigosa, porque existe um apagamento de narrativa. É notório a tentativa de destacar a história de Viçosa, através de fotos que silencia e “aprisiona” a população negra em representações estereotipadas. Ou seja, percebo como manutenção e aprisionamento do sujeito negro, influenciados pela geração de intelectuais folcloristas da cidade, dando continuidade no contexto contemporâneo de uma escrita estamental.

Estamos referenciando um grupo de homens brancos descendentes de uma elite econômica, que construiu uma narrativa romantizada, através de uma “história única” sobre Viçosa, perpetuando uma lógica hegemônica, fomentando o apagamento histórico sobre outras narrativas vivenciadas nessa cidade.

O bairro do Sabalanga e o povoado Gurgumba em Viçosa, eram mocambos “aldeados com uma economia natural, baseada na produção para o consumo interno e de um sistema de trocas naturais” (LINDOSO, 2005, p. 66), que estavam confederados ao de Macacos, em União dos Palmares, formando o Quilombo dos Palmares. Nos argumentos de Arísia Barros, esse era “o maior de todos os quilombos, foi berço de umas maiores riquezas que as estado de Alagoas herdou: a chamada diversidade, o pluralismo cultural e étnico” (BARROS, 2007, p. 50). Apesar disso, a rede social analisada neste artigo não realiza menções satisfatórias sobre esse aspecto histórico.

Deste modo, “esqueceram” de dizer que Dandrabanga, Andalaquituche e Osensa eram líderes de mocambos estratégicos, existentes em terras viçosenses (BRANDÃO, 2005). Nunca mencionou que Viçosa, conhecida popularmente como “Princesa das matas”, era mata dos cabanos, sendo povos insurgentes formados por brancos pobres, índios aldeados e negros que se uniram “numa insurreição de natureza anti-sistêmica” (LINDOSO, 2005, p. 371) pela luta pelo direito à propriedade de terra. Suas matas férteis, ricas de caça e palmeiras, eram lugar estratégico para abrigar os mocambos, devido à dificuldade de suas entradas (BRANDÃO, 2005). Esse território só foi povoado, de maneira lenta, pelos brancos, a partir do século XVIII, porque era retratado como terra quilombola (BRANDÃO, 2005). Se os negros eram pacíficos e servis, porque Viçosa não foi habitada antes? Por que esqueceram\esquecem de dizer sobre a cidade ter sido palco de resistência negra? Trata-se de um esquecimento ou de um apagamento?

Referências

- ADICHE, C. O perigo de uma história única. São Paulo: Companhia das letras, 2019
- ARAÚJO, Zezito de. Quilombo dos Palmares. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2021.
- NASCIMENTO, Beatriz. Uma história feita por mãos negras: Relações raciais, quilombos e movimentos. Rio de Janeiro: Zagar, 2021.
- BORGES, R. S. Mediação televisiva: a cena do mundo (televisivo) se organiza pela função do olhar. Caligrama (São Paulo. Online), [S. l.], v. 4, n. 1, 2008. DOI: 10.11606/issn.1808-0820.cali.2008.67895. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/caligrama/article/view/67895>. Acesso em: 27 ago. 2021.
- BRANDÃO, Alfredo. Viçosa de Alagoas, o município e a cidade. Recife: Imprensa Industrial, 1914.
- JÚNIOR, Manuel Diégues. O banguê nas Alagoas: traços da influência do sistema econômico do engenho de açúcar na vida e na cultura regional. 2 ed. Maceió. EDUFAL. 2002. 316p.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. História e imagem: iconografia/iconologia e além In: Novos Domínios da História. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.
- PEREIRA, Allana Lopes. Escola folclórica de Viçosa: a produção dos intelectuais sobre a cultura popular e o folclore alagoano. 2013. 73 f. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL, 2013.
- LINDOSO, Dirceu. A utopia armada: rebeliões de pobres nas matas do Tombo Real. Maceió: EDUFAL, 2005.
- OLIVEIRA, Guedes. Octavio Brandão. Recife: Brascolor, 2008
- Ribeiro D. O que é lugar de fala? Belo Horizonte: Letramento; 2017.
- ROGÉRIO, Alexandre da Silva. O processo fotográfico excludente do negro em Alagoas: composição de uma ideologia sem preto (1890-1920). 2019. 52 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) - Instituto de Ciências Humanas, Comunicação E Artes, Curso de História, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018.
- SANTOS, Monica Luise. A escolarização de negros: particularidades históricas de Alagoas (1840-1890). 2011. 148 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2011.
- SOUZA, Letícia Rosendo Correia. Práticas e concepções de transmissão de conhecimento na Banda de Pífano do mestre Bia de Viçosa-AL. 2014. 56 f. Monografia (Licenciatura em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL, 2014
- . _____, Letícia Rosendo Correia. As transformações das relações amoroso-sexuais nos espaços de divertimento em Viçosa – AL. 2018. 112 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. Sobre o autoritarismo brasileiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Silva, Jeferson Santos da. O que restou é Folclore: o negro na historiografia alagoana. 2014. 119 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

XAVIER, Giovana. Você Pode Substituir Mulheres Negras Como Objeto de Estudo por Mulheres Negras Contando Sua Própria História. Rio de Janeiro (RJ): Malê, 2019.